



# Mulher, objeto descartável

**Frei Betto** é um dos nossos mais atentos analistas da cena cultural brasileira. Imbuído dos ideais da dimensão libertadora da fé cristã, sempre, sem nenhuma hesitação, se posicionou do lado certo: do lado dos mais pobres (foi um dos idealizadores dos projetos sociais do PT [Partido dos Trabalhadores], quando esteve no primeiro governo Lula), dos afrodescentes, dos indígenas, dos que têm outra opção sexual e das mulheres, oprimidas, durante séculos, pela mentalidade patriarcal, ainda não totalmente superada. Eu diria que o machismo atual, por causa da crítica feminista, se retraiu um pouco na sociedade, mas que encontrou amplo refúgio nos meios de comunicação social, especialmente, na TV, onde a mulher é transformada num “objeto de cama e mesa; ou, como diz frei Betto, um “objeto descartável”. Não se mostram apenas mulheres fascinantes, mas partes delas: seios, cabelos, pernas e outras partes da decência. Há dias, na publicidade a uma máquina moderna, aparecia, ao lado, uma mulher seminua. Que tem a ver uma mulher nestes preparos com a máquina? É que a mulher atrai o olhar do consumidor e, deste modo, ele vê mais do que a mulher. Vê a máquina. Mas a mulher é usada para o marketing e, assim, rebaixada como se fosse um objeto. Numa sociedade civilizada, que busca idêntica dignidade para ambos os gêneros, isto é inaceitável. Admiro-me que haja atrizes conhecidas, algumas até próximas de nós, capazes de vender a sua imagem para o mercado de produtos. A imagem faz parte da pessoa e, por isso, não pode transformar-se em mercadoria. Apesar de todas estas contradições, neste dia da mulher, queremos prestar-lhes a nossa homenagem. Sem elas não estaríamos aqui. Nem Deus teria encarnado, no seio da simples mulher do povo, Miriam de Nazaré. Elas constituem mais de metade da humanidade. Mais ainda: são mães e irmãs da outra metade, que somos nós, os homens. O que não é de somenos importância. Devemos tributar-lhes veneração, respeito, cuidado e amor, a elas e ao Mistério que carregam consigo, sempre fascinante, sinal do Mistério de Deus que também tem traços femininos, e se revelou como Mãe de infinita ternura: **Leonardo Boff**

**H**OJE É O DIA DA MULHER [8 MARÇO]. Utilizada como isca de consumo pela publicidade, ela é peça em destaque na oferta de produtos.

A propaganda vende quimeras. Não se compra, apenas, champô ou roupa. Compra-se, sobretudo, o sonho de ser uma das dez atrizes que lavam os cabelos com aquele produto, ou a fantasia de me tornar tão sedutora como a jovem que, com tanta facilidade, veste aqueles jeans.

Destituída de mente e espírito, a mulher é reduzida a formas e trejeitos. Não são, apenas, os homens a fazerem da mulher objeto de desejo. Basta observar as capas das revistas femininas. A mulher rivaliza com a mulher, na busca da melhor performance social, sexual e estética.

Se, para além da roupa, a moda também impuser um corpo esquelético, a anorexia campeia como salário da vaidade. Criam-se novos ramos da medicina para atender ao luxo da ditadura estética, como se o corpo que não se encaixa no modelo imposto, devesse ser tido como doente ou anormal.

Esta cultura da glamourização faz movimentar a lucrativa indústria de cosméticos, publicações, desportos e academias de ginástica. O seu engodo é a mulher, reduzida à sua aparência externa e destituída de direitos, subjetividade, ideias e valores. Dócil aos caprichos do mercado, o seu corpo vai a leilão, na feira de amostras das revistas masculinas.

Como estranhar que, na esfera da realidade, as relações sejam conflituosas? Por todo o país, com muita frequência, o machismo se arvora em carrasco, ceifando vidas de mulheres. A propagação do feminino como mero objeto de consumo, não suscita no homem respeito e alteridade. Uma coisa é uma coisa. Manipula-se, usa-se, descarta-se.

Enquanto a mulher aceitar este jogo de marketing, seduzida pela quimera de ser tão bela quanto a fera, será difícil cegar os olhos do machismo – tanto o masculino, que a submete; quanto o feminino, de quem aceita ser submetida.

A exposição erótica da mulher é uma humilhação do feminino, pois torna a beleza resultado da soma de meros atributos físicos.

Marcello Mastroianni, que entendia de mulheres, e com quem me encontrei em Moscovo, em 1986, considerava que, numa mulher, o mais fascinante é a coerência da sua história de vida.

Mas isto não está à venda. É uma conquista.

**Frei Betto**

<https://leonardoboff.wordpress.com/2015/03/08/mulher-objeto-descartavel-frei-betto/> (08-03-2015)

## Eu ao meu corpo

Por que não hei de amar-te, corpo em que vivo?  
Por que, com humildade, não te hei de querer,  
se em ti fui criança, e jovem, e em ti arribo  
velho, às tristes praias, ao morrer?

O teu peito soluçou compassivo  
por mim, nos rudes golpes da minha sorte;  
oprimido com a minha sede, e altivo  
com a minha ambição palpitou quando era forte.

Hoje rendes-te, finalmente, pobre matéria  
extenuada de angústia e de miséria.  
Por que não hei de amar-te? Que serei eu, me diz,

quando deixares de ser? Profundo arcano!  
Só sei que nos teus ombros minha fiz  
a minha cruz, a minha parte do sofrer humano.

**Domingo Rivero** (1852-1929). Poeta espanhol.

## Desafio permanente: cuidar de si mesmo

**Cuidar de si mesmo é amar-se, acolher-se, reconhecer a nossa vulnerabilidade, poder chorar, perdoar-se e perdoar. Escrever direito por linhas tortas.**

**A**o assumir a categoria “cuidado”, na relação para com a Mãe Terra e para com todos os seres, o Papa Francisco reforçou, não só uma virtude, mas um verdadeiro paradigma, que representa uma alternativa ao paradigma da modernidade, que é o da vontade de poder/dominação, que tantos prejuízos trouxe.

Devemos cuidar de tudo, também de nós mesmos, pois somos o mais próximo dos próximos e, ao mesmo tempo, o mais complexo e o mais indecifrável dos seres.

Sabemos quem somos? Para que existimos? Para onde vamos? Refletindo nestas perguntas inadiáveis, é oportuno lembrar a ponderação de Blaise Pascal (1662), talvez a mais verdadeira.

Que é o ser humano na natureza? Um nada diante do infinito, e um tudo diante do nada, um elo entre o nada e o tudo, mas incapaz de ver o nada de onde veio, e o infinito para onde vai (*Pensées* § 72).

Na verdade, não sabemos quem somos. Apenas desconfiamos, como diria Guimarães Rosa. Na medida em que vamos vivendo e sofrendo, lentamente desvendamos quem somos. Ao fim e ao cabo: expressões daquela Energia de fundo (Deus?) que tudo sustenta e tudo dirige.

Juntamente com aquilo que de facto somos, existe, também, aquilo que, potencialmente, podemos ser. O potencial pertence, também, ao real, talvez, quem sabe, a nossa melhor parte. A partir desta posição de base, há que construir chaves de leitura que nos orientem na busca daquilo que queremos e podemos ser.

É nesta busca que o cuidar de si mesmo desempenha uma função decisiva. Não se trata, em primeiro lugar, de um olhar narcisista sobre o próprio eu, que leva, geralmente, ao não conhecimento de nós mesmos, e a identificar-nos com uma imagem projetada e, como tal, falsa e alienante, de nós próprios.

Foi Michel Foucauld, com a sua minuciosa investigação Hermenêutica do sujeito (2004), que tentou resgatar a tradição ocidental do cuidado do sujeito, especialmente, nos sábios do século II e III como Séneca, Marco Aurélio, Epicteto e outros. O grande impulso motor era o famoso *ghóti se autón*, conhece-te a ti mesmo. Esse conhecimento não era abstrato, mas algo muito concreto como: reconhece-te naquilo que és, procura um conhecimento profundo de ti mesmo, para descobrires as tuas potencialidades; tenta realizar aquilo que, de facto, podes.

Neste contexto se abordavam as várias virtudes, tão bem discutidas por Sócrates. Ele advertia para a necessidade de evitar o pior dos vícios que, para nós, se tornou comum: a *hybris*. *Hybris* é o ultrapassar dos limites, o colocar-se acima dos outros. O maior impasse da cultura ocidental, da cultura cristã, especialmente, da cultura norte-americana com o seu imaginado Destino Manifesto (o sentir-se o novo povo eleito por Deus), é, talvez, a *hybris*: o sentimento de superioridade e de excecionalidade, o impor aos outros os nossos valores.

A primeira coisa que importa afirmar é que o ser humano é um sujeito, e não uma coisa. Não é uma substância, constituída duma vez por todas, mas um nó de relações sempre ativo que, mediante a cadeia das relações, está, continuamente, a construir-se, como sucede com o universo. Todos os seres, consoante a nova cosmologia, são portadores de certa subjetividade, porque têm história, vivem em

interação e interdependência de todos com todos, aprendem, trocando e acumulando informações. É um princípio cosmológico universal. Mas o ser humano, realiza uma modalidade própria deste princípio, pelo facto de ser um sujeito consciente e reflexo. Sabe que sabe, e sabe que não sabe e, para nada omitirmos, não sabe que não sabe.

Este nó de relações, articula-se a partir de um Centro ao redor do qual se organizam as relações com todos os demais. Este eu profundo nunca está só. A sua solidão é para a comunhão. Ele reclama um tu. Melhor, segundo Martin Buber, é a partir do tu que o eu desperta e se forma. Do eu e do tu, nasce o nós.

O cuidar de si implica, em primeiríssimo lugar, acolher-se a si mesmo, assim como se é, com todas as suas aptidões e os seus limites. Não com amargura, como quem quer modificar a sua situação existencial. Mas com jovialidade. Acolher o próprio rosto, cabelos, pernas, seios, a sua aparência e modo de estar no mundo, enfim, o seu corpo (Veja Corbin e outros, *O corpo*, 3 vol. 2008). Quanto mais nos aceitarmos, menos clínicas de cirurgia plástica existirão. Com as características físicas que temos, devemos construir o nosso modo de estar no mundo.

Nada mais ridículo do que a construção artificial de uma beleza moldada em dissonância com a beleza interior. É a tentativa vã de fazer um “*photoshop*” da própria imagem.

O cuidar de si exige saber combinar as aptidões com as motivações. Não basta termos aptidão para a música, se não sentimos motivação para ser músico. Da mesma forma, pouco nos valem as motivações para sermos músicos, se não tivermos aptidão para isso. Desperdiçamos energias e colhemos frustrações. Ficamos medíocres, o que não engrandece ninguém.

Outro componente do cuidar de si mesmo, é saber e aprender a conviver com a dimensão de sombra que sempre acompanha a dimensão de luz. Amamos e odiamos. Somos feitos com estas contradições. Antropologicamente, diz-se que somos, ao mesmo tempo, *sapiens* e *demens*, pessoas inteligentes e, ao mesmo tempo, pessoas rudes. Somos um encontro de oposições.

Cuidar de si mesmo é poder criar uma síntese onde as contradições não se anulam, mas em que predomina o lado luminoso.

Cuidar de si mesmo é amar-se, acolher-se, reconhecer sua vulnerabilidade, poder chorar, saber perdoar-se e perdoar, e desenvolver a resiliência, que é a capacidade de dar a volta por cima, e aprender com os erros e as contradições. Então, escreveremos direito por linhas tortas.

**Leonardo Boff**

<https://leonardoboff.wordpress.com/2015/08/01/um-desafio-permanente-cuidar-de-si-mesmo/>



21 de março:

## Dia Internacional de Eliminação da Discriminação Racial

### Lágrima de Preta

Encontrei uma preta  
Que estava a chorar,  
Pedi-lhe uma lágrima  
Para a analisar.

Recolhi a lágrima  
Com todo o cuidado  
Num tubo de ensaio  
Bem esterilizado.

Olhei-a de um lado,  
Do outro e de frente:  
Tinha um ar de gota  
Muito transparente.

Mandei vir os ácidos,  
As bases e os sais,  
As drogas usadas  
Em casos que tais.

Ensaiei a frio,  
Experimentei ao lume,  
De todas as vezes  
Deu-me o que é costume:

Nem sinais de negro,  
N em vestígios de ódio.  
Água quase tudo  
E cloreto de sódio.

**António Gedeão** [Rómulo Vasco da Gama de Carvalho] – (1906-1997)

# somos irracionais

**N**o meu tempo de escola primária, algumas crédulas e ingénuas pessoas, a quem dávamos o respeitoso nome de mestres, ensinaram-me que o homem, além de ser um animal racional, era, também, por graça particular de Deus, o único que de tal fortuna se podia gabar. Ora, sendo as primeiras lições aquelas que mais perduram no nosso espírito, ainda que, muitas vezes, ao longo da vida, julgemos tê-las esquecido, vivi durante muitos anos aferrado à crença de que, apesar de umas tantas contrariedades e contradições, esta espécie de que faço parte usava a cabeça como aposento e escritório da razão. Certo era que o pintor Goya, surdo e sábio, me protestava que é no sono dela que se engendram os monstros, mas eu argumentava que, não podendo ser negado o surgimento dessas avantesmas, tal só acontecia quando a razão, pobrezinha, cansada da obrigação de ser razoável, se deixava vencer pela fadiga e mergulhava no esquecimento de si própria. Chegado agora a estes dias, os meus e os do mundo, vejo-me diante de duas probabilidades: ou a razão, no homem, não faz senão dormir e engendrar monstros, ou o homem, sendo indubitavelmente um animal entre os animais, é, também indubitavelmente, o mais irracional de todos eles. Vou-me inclinando cada vez mais para a segunda hipótese, não por ser eu morbidamente propenso a filosofias pessimistas, mas porque o espetáculo do mundo é, em minha fraca opinião, e de todos os pontos de vista, uma demonstração explícita e evidente do que chamo a irracionalidade humana. Vemos o abismo, está aí diante dos olhos, e contudo avançamos para ele como uma multidão de «lemmings» suicidas, com a capital diferença de que, de caminho, nos vamos entretendo a trucidar-nos uns aos outros.

**José Saramago** (1922-2010). Escritor. Prémio Nobel de Literatura 1998.  
in *Cadernos de Lanzarote* (1993)